

Desemprego Previsões estatísticas não contavam que as mulheres com formação superior ocupassem tantos postos de trabalho

As mulheres que baralha



Texto **CHRISTIANA MARTINS**
Fotos **NUNO BOTELHO**
Infografia **SOFIA MIGUEL ROSA**

Quando conseguiu emprego, no início deste ano, nem passou pela cabeça de Cristiana Coelho que estaria por trás de uma das grandes polémicas pré-eleitorais. Licenciada em Farmácia, 37 anos, ficou desempregada durante nove meses, até que, no primeiro semestre deste ano, conseguiu colocação. Afastou-se da sua área de formação e aceitou receber menos do que antes de ficar sem trabalho, mas saiu das estatísticas de desemprego do INE e, sobretudo, voltou a trabalhar.

Cristiana corresponde ao perfil do subgrupo que baralhou as previsões sobre o emprego do INE no segundo trimestre deste ano. A divulgação dos dados do desemprego revelaram uma descida inesperada de 13,7% para 11,9%, a maior desde 1998. Todos ficaram surpreendidos, afinal, pela primeira vez desde 2011, havia uma taxa inferior a que tinha sido encontrada pela *troika* quando chegou a Portugal: 12,1%.

O Governo aplaudiu, a oposição contestou e o INE foi obrigado a marcar uma sessão de esclarecimento para explicar porque teve de proceder a

uma revisão da projeção provisória dos números do desemprego em maio, assim que foram tratadas as informações definitivas. E, quando chegou o momento de desvendar o que estava por trás da surpresa, o dedo do INE apontou na direção das mulheres.

A única diferença entre a história de Cristiana e a alteração das previsões do INE é que o período crítico para o instituto foi maio e não janeiro, mês em que a farmacêutica encontrou colocação numa empresa de saúde, dando apoio aos processos de licenciamento de novos estabelecimentos no sector. É que, de acordo com o método de cálculo do INE, os dados do segundo trimestre refletem a taxa de desemprego de abril, maio e junho, sendo que os números do último mês são provisórios. E foi aí que o subgru-

po das mulheres baralhou as previsões. Sónia Torres, responsável pelas estatísticas do mercado de trabalho do instituto, explicou na conferência de imprensa do INE, realizada há uma semana, que quando foram introduzidos os dados definitivos relativos a junho, havia menos mulheres sem emprego do que tinha apontado o modelo de projeção. E, assim, a taxa de maio, o mês do meio do segundo trimestre, teve de ser reduzida de 13,2% para 12,4%.

Mulheres apertam o passo

Desde 2011, desapareceram do mercado de trabalho cerca de 220 mil empregos. O ponto mais baixo foi o primeiro trimestre de 2013, quando a taxa de desemprego do INE atingiu 17,5%. Ou seja, cerca de 930 mil portugueses desempregados. Mas, desde 2010, a população ativa terá diminuído em cerca de 257 mil pessoas, muitas das quais abandonaram o país em busca de trabalho. Outros 243 mil indivíduos desistiram de procurar emprego, engordando a categoria dos inativos.

Muitas das que não baixaram os braços foram mulheres. Virgínia Ferreira, investigadora do Centro de Estudos Sociais, detalha as razões. “A concentração do emprego feminino em sectores considerados até agora “blindados”, como a educação, serviços sociais ou principalmente a saúde,

terá dado um impulso grande ao crescimento do emprego das mulheres”, explica, embora sublinhe que a retração do emprego público, dominante nestes sectores, tenha colocado um travão à tendência de crescimento.

Há mais razões para a surpresa feminina: a maior disponibilidade das mulheres para aceitar empregos de qualificação inferior à sua escolaridade, associada à expansão de serviços ligados ao turismo, como a restauração e o alojamento, influenciaram o crescimento do emprego feminino. As mulheres revelam ainda, segundo Virgínia Ferreira, “maior disponibilidade para aceitar remunerações mais baixas”, o que corresponderá à tendência de redução salarial verificada desde o início da crise. A investigadora sublinha também “a menor propensão

para a emigração das mulheres, o que acaba por criar uma bacia feminina de recrutamento mais alargada”.

Elísio Estanque, sociólogo da Universidade de Coimbra, prefere destacar a questão da qualificação feminina. “O emprego qualificado criado desde 2011 foi maioritariamente ocupado pelas mulheres, o que remete para os crescentes níveis de sucesso escolar feminino.” Desta forma, a tradicional disparidade entre o emprego de homens e mulheres tem sido atenuada. No segundo trimestre deste ano, a diferença atingiu o valor mais baixo de sempre, 90,2 mil postos de trabalho a mais para eles do que para elas. Em 2011, a diferença era de mais 218 mil.

Contudo, é preciso perceber, como chama a atenção Elísio Estanque, o facto de as mulheres terem investido em melhores qualificações não significa que o emprego criado siga a mesma tendência: “A criação de emprego tem sido maioritariamente precária e o peso das mulheres no trabalho temporário tende a ser maior.”

Estas análises encontram terreno concreto no percurso profissional de Patrícia Ferraz. Com 45 anos e o 12º ano, passou por trabalhos mais ou menos estáveis e com significativas variações de horários. Trabalhou sempre na sua área de formação, o turismo, e ficou dois anos e meio desempregada até que, em maio, conseguiu colocação numa agência de viagens e saiu das estatísticas do desemprego.

NO SEGUNDO TRIMESTRE, A DIFERENÇA ENTRE OS EMPREGOS DE HOMENS E MULHERES FOI A MAIS BAIXA DE SEMPRE

MÃO DE OBRA FEMININA QUALIFICADA CEDE MAIS DO QUE A MASCULINA NOS SALÁRIOS PARA CONSEGUIR UM EMPREGO

ram o INE

Patricia Ferraz é um exemplo das mulheres que conseguiram encontrar trabalho já este ano. Mas Paula Sobral, 51 anos, licenciada, está desempregada há 4 anos



“Estou feliz, trabalho na minha área, mesmo que o salário esteja ao nível do que recebia há seis anos.”

Francisco Madelino, professor do ISCTE, destaca “a sobreavaliação da intensidade da sazonalidade no segundo trimestre deste ano”. Ou seja, o turismo e a restauração reforçaram a criação de emprego nesta altura e, explica, “quem mais alimentou esta sazonalidade foram as mulheres, cerca de 70 mil em mais quase 104 mil empregos”. Sublinha ainda a importância do “aquecimento das medidas de emprego e formação profissional”, que também aliviam as estatísticas do desemprego. “As metodologias económicas têm sempre o problema de projetar o futuro a partir da verificação de dados no passado. O futuro, nesse caso, alterou-se muito,

sobretudo, pela intensificação das políticas ocupacionais de desemprego, que, num ano em que o emprego aumentou em 66,2 mil pessoas, explica cerca de 57% deste acréscimo.”

Experiência desperdiçada

Algumas mulheres não encaixam na tendência estatística de redução do desemprego feminino. Paula Sobral tem 51 anos e está desempregada desde 2011. Licenciada e com pós-graduação em Recursos Humanos, até propôs trabalhar sem remuneração, mas quando acabou o período do “emprego de inserção” teve de sair da Câmara de Oeiras, onde dava apoio a reuniões. Disposta a encontrar uma saída, já fez muitas formações — nem todas obrigatórias —, continua a enviar currículos e ofereceu-se para trabalhar em funções com habilitações bastante inferiores. E, apesar de ter sido aceite por uma lavandaria para atender aos clientes, não conseguiu convencer o Centro de Emprego a incluí-la num programa de apoio à criação de postos de trabalho para pessoas com mais de 45 anos: “É contra o regulamento”. “As vezes acho que sou um caso perdido. Esqueci qualquer projeto de carreira e cheguei ao ponto em que não é só o salário que está em causa. Tenho consciência de que o país desperdiça um capital de experiência, com pessoas como eu.”

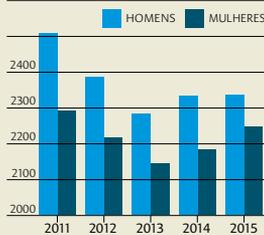
camartins@expresso.imprensa.pt

TURISMO E RESTAURAÇÃO CRIARAM NOVOS EMPREGOS E QUEM MAIS ALIMENTOU A SAZONALIDADE FORAM AS MULHERES

Mercado de trabalho em Portugal

EMPREGO

Em milhares. Dados referentes ao 2º trimestre



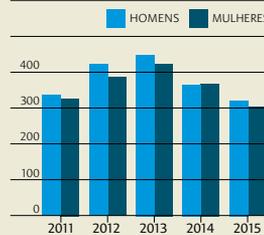
Nunca a diferença entre homens e mulheres empregados foi tão reduzida, o que é explicado pela maior capacidade feminina em ceder em termos de salários

2º TRIMESTRE DE 2015
-90,2 mil

MULHERES DO QUE HOMENS COM EMPREGO

DESEMPREGO

Em milhares. Dados referentes ao 2º trimestre



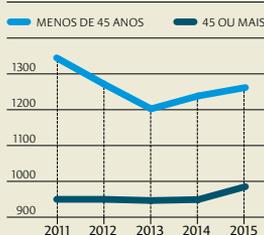
2º TRIMESTRE DE 2015
-17,2 mil

MULHERES DO QUE HOMENS NO DESEMPREGO

A idade das mulheres no mercado de trabalho

EMPREGO

Em milhares. Dados referentes ao 2º trimestre



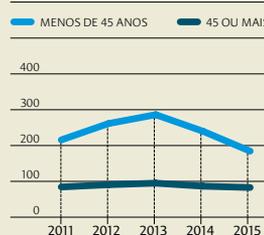
Depois de três anos de crise, o emprego voltou a absorver as mulheres mais jovens. As que têm mais de 45 anos continuam com sérias dificuldades para sair do desemprego

EM COMPARAÇÃO COM 2013 (2º TRIM.)
HOJE HÁ
+102 mil

MULHERES COM EMPREGO

DESEMPREGO

Em milhares. Dados referentes ao 2º trimestre



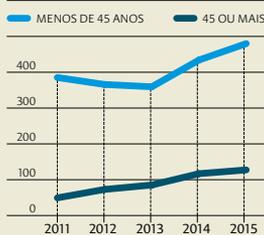
EM COMPARAÇÃO COM 2013 (2º TRIM.)
HOJE HÁ
-120 mil

MULHERES NO DESEMPREGO

Impacto do ensino superior na empregabilidade feminina

LICENCIADAS COM EMPREGO

Em milhares. Dados referentes ao 2º trimestre



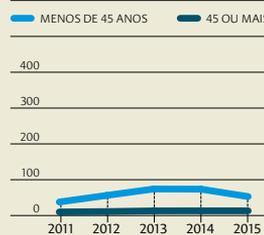
O rejuvenescimento e a qualificação da mão de obra feminina justificam que o ritmo da entrada de mulheres licenciadas no mercado seja superior ao das mulheres que conseguem novo trabalho

EM COMPARAÇÃO COM 2013 (2º TRIM.)
HOJE HÁ
+132 mil

LICENCIADAS COM EMPREGO

LICENCIADAS NO DESEMPREGO

Em milhares. Dados referentes ao 2º trimestre



EM COMPARAÇÃO COM 2013 (2º TRIM.)
HOJE HÁ
-23 mil

LICENCIADAS NO DESEMPREGO

Caracterização da formação das mulheres desempregadas

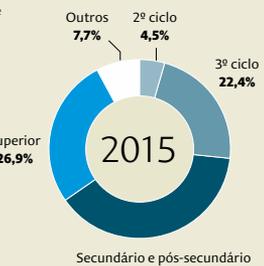
Por faixa etária. Em 2011 e 2015

MENOS DE 45 ANOS

Em %. Dados referentes ao 2º trimestre



A aposta das mulheres na qualificação é evidente. Há quatro anos, 43% tinham qualificações superiores ao secundário. Atualmente são já a maioria: 65,4%



45 OU MAIS ANOS

Em %. Dados referentes ao 2º trimestre



A falta de qualificação feminina é mais evidente nas mulheres com idades superiores a 45 anos, dificultando a sua colocação no mercado de trabalho

